

# Fé e Cidadania

O SÃO PAULO



Use o QRCode para  
acessar o Caderno  
Fé e Cidadania  
na internet, com  
mais artigos e links  
citados.

## Jubileu 2025: a esperança cristã não é otimismo vazio nem incerteza

Redação

Frequentemente, vivemos vencidos por uma grande desesperança em relação a nós mesmos, à nossa família, ao nosso trabalho, ao mundo... Por isso, o Papa e a Igreja acertam ao reproporem, para o Jubileu de 2025, o tema da esperança. É ela que mais falta. Apostamos naquilo que não pode dar sentido à vida: o sucesso profissional, o bem-estar material, a utopia política... Multiplicam-se os sinais de que muitas coisas estão erradas. Não querer mais casar, nem ter filhos ou assumir compromissos mais exigentes demonstram a incerteza quanto ao futuro, cada vez mais assustador. Os desastres climáticos vão destruindo nosso otimismo baseado nos sucessos humanos, na ciência, na técnica e na economia. A Igreja, profeticamente, nos mostra, ao retomar o tema da esperança, como temos nos apoiado na esperança errada,



Arte: Sergio Ricciuto Conte

que nos ilude e nos deixa perdidos. A esperança verdadeira é aquela que nasce do relacionamento com Cristo e da fé. Como, de forma exemplar, em meio às maiores tribulações, nos testemunham os mártires cristãos: somos afligidos de todos os lados, mas não vencidos

pela angústia; postos em apuros, mas não desesperançados; derrubados, mas não aniquilados (II Cor 4, 8-9). Os mártires de todos os tempos nos revelam que essa experiência não é ficção, que os fracassos e a morte não dão a última palavra sobre a vida.

A esperança cristã não é apenas uma dimensão de nossa vida interior. Ela tem uma dimensão social e até política. Iniciando o caminho para o Jubileu, esta edição do Caderno Fé e Cidadania se dedica especificamente a essas dimensões.

## Os que receberam a grande graça da fé

Ana Lydia Sawaya\*

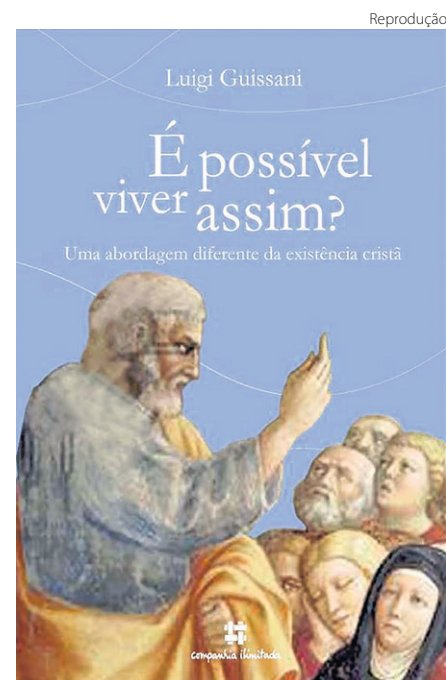
A esperança cristã não é otimismo, nem incerteza, pois se apoia totalmente em uma Presença, em Alguém que está presente e que nos disse: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20). É uma certeza do futuro que nasce da fé na presença de Cristo conosco, que já mudou nossa vida e deu-lhe um rumo, um sentido, um sabor novo – como afirmaram Bento XVI (*Deus caritas est*, DCE 1) e Francisco (*Evangelii gaudium*, EG 3,7). A dinâmica da fé torna-se certeza de um futuro bom, na medida em que desejamos e pedimos que dure o dom que Cristo faz de si mesmo a nós, no presente. Desejamos que dure o relacionamento com Ele e a certeza de que Ele não nos abandonará nunca. A esperança dialoga

com a “memória” da companhia de Cristo – memória que não é uma lembrança sentimental, mas a consciência de um fato que aconteceu e continua a acontecer em nossa vida.

O poeta francês C. Pèguy, em *Os portais do mistério da segunda virtude* (Lisboa: Paulinas, 2014), ao refletir sobre a esperança, diz que “para esperar é preciso ter recebido uma grande graça”: a certeza de que Cristo existe e está conosco. A promessa cristã não é a de que tudo vai dar certo, conforme nossos planos, mas sim de que, em qualquer situação, por mais difícil, o desejo de bem irá se realizar, ainda que em meio a sofrimentos. A felicidade e a plenitude da vida podem ser bens árduos e difíceis de alcançar, mas podemos estar cheios de confian-

ça porque não estamos sozinhos.

A esperança cristã que pode sustentar nossa vida e a vida do mundo vem de algo que experimentamos e que não depende das circunstâncias conjunturais. Mas o mundo, e nós cristãos muitas vezes, estamos muito longe dessa experiência. Por isso, somos chamados a não nos iludirmos com as esperanças vãs e, vivendo o relacionamento pessoal com Cristo presente, dar sabor ao mundo. O sabor que Cristo traz chama-se fortaleza, coragem, discernimento, inteligência, sabedoria, sobriedade, prudência, justiça, e, sobretudo, paciência. É como um sal que carregamos: “Vós sois o sal da terra. Se o sal for insípido, com que se há de salgar?” (Mt 5,13). Que os cristãos possam redescobrir a esperança!



Reprodução

\* Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da UNIFESP, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, e pesquisadora visitante do MIT, nos Estados Unidos.

Essas observações sobre o caráter da esperança cristã são apresentadas, de modo mais amplo, em GIUSSANI, L. *É possível viver assim?* São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008.

# Bento XVI e Francisco explicam a esperança

Redação

Apresentamos, a seguir, trechos selecionados da encíclica **Spe salvi** (SS), de Bento XVI, e da bula **Spes non confundit** (SNC), de Francisco, para a proclamação do Jubileu de 2025.

Esta seleção não quer resumir os documentos, mas apenas mostrar a relação que os papas traçam entre a esperança e nossos problemas no mundo de hoje.

## EM NOSSO CORAÇÃO

Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, essa imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes, encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade (SNC 1).

O ser humano, na sucessão dos dias, tem muitas esperanças – menores ou maiores – distintas nos diversos períodos da sua vida. Às vezes, pode parecer que uma dessas esperanças o satisfaça totalmente, sem ter necessidade de outras. Na juventude, pode ser a esperança do grande e terno amor; a esperança de uma certa posição na profissão, deste ou daquele sucesso determinante para o resto da vida. Mas quando essas esperanças se realizam, resulta com clareza que na realidade, isso não era a totalidade. Torna-se evidente que o homem necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo de infinito lhe pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar (SS 30).

A época moderna desenvolveu a esperança da instauração de um mundo perfeito que, graças aos conhecimentos da ciência e a uma política cientificamente fundada, parecia tornar-se realizável [...] Esta parecia finalmente a esperança grande e realista de que o homem necessita. Estava em condições de mobilizar – por um certo tempo – todas as energias do homem; o grande objetivo parecia merecedor de todo o esforço. Mas, com o passar do tempo, fica claro que essa esperança escapa sempre para mais longe. Primeiro, deram-se conta de que esta era talvez uma esperança para os homens de amanhã, mas não uma esperança para si próprios. E, embora o elemento “para todos” faça parte da grande esperança – com efeito, não posso ser feliz contra e sem os demais – o certo é que uma esperança que não me diga respeito pessoalmente não é uma verdadeira esperança [...] Apesar de ser necessário um contínuo esforço para melhorar o mundo, um amanhã melhor não pode ser o conteúdo próprio e suficiente da nossa esperança. E, sempre a este respeito: Quando é “melhor” o mundo? Com qual critério se pode avaliar o seu ser bom? E por quais caminhos se pode alcançar esta “bondade”? (SS 30).

## QUE NASCE DA FÉ

“Uma vez que fomos justificados pela fé, estamos em paz com Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo. Por Ele, tivemos acesso, na fé, a esta graça na qual nos encontramos firmemente e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus (...). Ora, a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 1-2.5) [...] Com efeito, a esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do Coração de Jesus trespassado na cruz [...] Na verdade, é o Espírito Santo, com a sua presença perene no caminho da Igreja, que irradia nos crentes a luz da esperança [...] Com efeito, a esperança cristã não engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino [...] Essa esperança não cede nas dificuldades: funda-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo, assim, avançar na vida (SNC 2-3).

Na Carta aos Hebreus (Hb 11, 1), encontra-se uma certa definição da fé que entrelaça estreitamente esta virtude com a esperança [...] “A fé é *hypostasis* das coisas que se esperam; prova das coisas que não se veem”. Para os Padres e para os teólogos da

Idade Média, era claro que a palavra grega *hypostasis* devia ser traduzida em latim pelo termo *substantia* [...] A fé é a “substância” das coisas que se esperam; a prova das coisas que não se veem [...] uma predisposição constante do espírito, em virtude do qual a vida eterna tem início em nós e a razão é levada a consentir naquilo que não vê. [Pela fé] já estão presentes em nós as coisas que se esperam: a totalidade, a vida verdadeira. E precisamente porque a coisa em si já está presente, esta presença daquilo que há de vir cria também certeza: esta “coisa” que deve vir ainda não é visível no mundo externo (não “aparece”), mas, pelo fato de a trazermos, como realidade inicial e dinâmica dentro de nós, já agora temos uma certa percepção dela [...] A fé não é só uma inclinação para realidades que não de vir, mas estão ainda totalmente ausentes; ela dá-nos algo. Dá-nos já agora algo da realidade esperada, e esta realidade presente constitui para nós uma “prova” das coisas que ainda não se veem. Ela atrai o futuro para dentro do presente, de modo que aquele já não é o puro “ainda-não”. O fato de este futuro existir muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura (SS 7).

## ESPERANÇA E PACIÊNCIA

A nós, que desde sempre convivemos com o conceito cristão de Deus e a ele nos habituamos, a posse de uma tal esperança que provém do encontro real com Deus quase nos passa despercebida. [...] Mas Jesus trouxe] o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com o Deus vivo e, deste modo, o encontro com uma esperança que [...] transformava a partir de dentro a vida e o mundo [...] Apesar de as estruturas externas permanecerem as mesmas, isso transformava a sociedade a partir de dentro. Se os cristãos não têm neste mundo uma morada permanente, mas procuram a futura (cf. Heb 11, 13-

14; Fil 3,20), isso não significa o adiamento para uma perspectiva futura: a sociedade presente é reconhecida pelos cristãos como imprópria; eles pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada (SS 3-4).

São Paulo sabe que a vida é feita de alegrias e sofrimentos, que o amor é posto à prova quando aumentam as dificuldades e a esperança parece desmoronar-se diante do sofrimento [...] Mas em tais situações, por meio da escuridão, vislumbra-se uma luz: descobre-se que a evangelização é sustentada pela força que brota da cruz e da

ressurreição de Cristo. Isso faz crescer uma virtude, parente próxima da esperança: a paciência [...] Hoje em dia ela] foi posta em fuga pela pressa, causando grave dano às pessoas. Com efeito, sobrevêm a intolerância, o nervosismo e, por vezes, a violência gratuita, gerando insatisfação e isolamento [...] Redescobrir a paciência faz bem a nós próprios e aos outros [...] A paciência – fruto também ela do Espírito Santo – mantém viva a esperança e consolida-a como virtude e estilo de vida. Por isso, aprendamos a pedir muitas vezes a graça da paciência, que é filha da esperança e, ao mesmo tempo, seu suporte (SNC 4).



Detalhe de obra Alegoria do Bom Governo de Ambrogio Lorenzetti, Florença - Itália



## A fé, a caridade e a esperança orientam o Bom Governo

### AS DIMENSÕES SOCIAL E COMUNITÁRIA DA ESPERANÇA CRISTÃ

A salvação [cristã] foi sempre considerada como uma realidade comunitária. A Carta aos Hebreus fala de uma “cidade” (cf. 11,10.16; 12,22; 13,14) e, portanto, de uma salvação comunitária. Coerentemente, o pecado é entendido pelos Padres como destruição da unidade do gênero humano, como a fragmentação e divisão. Babel, o lugar da confusão das línguas e da separação, apresenta-se como expressão daquilo que é radicalmente o pecado. Desse modo, a “redenção” aparece precisamente como a restauração da unidade, na qual nos encontramos novamente juntos numa união que se delinea na comunidade mundial dos crentes [...] A vida verdadeira, para a qual sempre tendemos, depende do fato de se estar na união existencial com um “povo” e pode realizar-se para cada pessoa somente no âmbito deste “nós”.

Esta visão da “vida bem-aventurada” orientada para a comunidade visa, certamente, algo que está para além do mundo presente, mas é precisamente deste modo que ela tem a ver também com a edificação do mundo – segundo formas muito distintas, conforme o contexto histórico e as possibilidades por ele oferecidas ou excluídas [...] Olhando precisamente a história atual, não se constata novamente que nenhuma estruturação positiva do mundo é possível nos lugares onde as almas se brutalizam?

É necessária uma autocrítica da Idade Moderna feita em diálogo com o Cristianismo e com a sua concepção da esperança. Nesse diálogo, também os cristãos devem aprender de novo, no contexto dos seus conhecimentos e experiências, em que consiste verdadeiramente a sua esperança, o que é que temos para oferecer ao mundo e, ao contrário, o

que é que não podemos oferecer. É preciso que, na autocrítica da Idade Moderna, conflua também uma autocrítica do Cristianismo moderno, que deve aprender sempre de novo a compreender-se a si mesmo a partir das próprias raízes.

A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as desilusões, só pode ser Deus – o Deus que nos amou, e ama ainda agora “até ao fim”, “até à plena consumação” (cf. Jo 13,1 e 19,30). Quem é atingido pelo amor começa a intuir em que consistiria propriamente a “vida”. Começa a intuir o significado da palavra de esperança que encontramos no rito do Batismo: da fé espero a “vida eterna” – a vida verdadeira que, inteiramente e sem ameaças, em toda a sua plenitude, é simplesmente vida [...] A vida, no verdadeiro sentido, não a possui cada um em si próprio sozinho, nem mesmo por si só: ela é uma relação. A vida na sua totalidade é relação com Aquele que é a Fonte da Vida. Se estivermos em relação com Aquele que não morre, que é a própria Vida e o próprio Amor, então estamos na vida; então “vivemos”.

Mas, a relação com Jesus é uma relação com Aquele que Se entregou a Si próprio em resgate por todos nós (cf. 1 Tim 2,6). O fato de estarmos em comunhão com Jesus Cristo envolve-nos no seu ser “para todos”, fazendo disso o nosso modo de ser. Ele compromete-nos a ser para os outros, mas só na comunhão com Ele é que se torna possível sermos verdadeiramente para os outros, para a comunidade [...] Ao amor para com Deus se segue a participação na justiça e na bondade de Deus para com os outros [...] O amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro. (*Spe salvi*, SS 14-28).

### NECESSÁRIOS SINAIS DE ESPERANÇA

Além de beber a esperança na graça de Deus, somos também chamados a descobri-la nos sinais dos tempos, que o Senhor oferece [...] “É dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas” (*Gaudium et spes*, GS 4). Para não cair na tentação de nos considerarmos subjugados pelo mal e pela violência, é necessário prestar atenção a tanto bem que existe no mundo. Porém, os sinais dos tempos, que contêm o sopro do coração humano, carecido da presença salvífica de Deus, pedem para ser transformados em sinais de esperança.

Que o primeiro sinal de esperança se traduza em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra. [...] O Jubileu recorde que serão “chamados filhos de Deus” todos aqueles que se fazem “obreiros de paz” (Mt 5, 9).

A comunidade cristã não pode ficar atrás de ninguém no apoio à necessidade de uma aliança social em prol da esperança, que seja inclusiva e não ideológica, e que trabalhe por um futuro marcado pelo sorriso de tantos meninos e meninas que, em muitas partes do mundo, venham encher os demasiados berços vazios.

Penso nos presos que, privados de liberdade, além da dureza da reclusão, experimentam dia a dia o vazio afetivo, as restrições impostas e, em não poucos casos, a falta de respeito.

Sinais de esperança não de ser oferecidos aos doentes, que se encontram em casa ou no hospital. Que os seus sofrimentos encontrem alívio na proximidade de pessoas que os visitem e no carinho que recebem!

As obras de misericórdia são também obras de esperança, que despertam nos corações sentimentos de gratidão. E que a gratidão chegue a todos os profissionais de saúde que, em condições tantas vezes difíceis, desempenham a sua missão com solícito cuidado pelas pessoas doentes e mais frágeis.

Oxalá não falte a atenção inclusiva a todos aqueles que sofrem de patologias ou deficiências que limitam fortemente a autonomia pessoal. O cuidado para com eles é um hino à dignidade humana, um canto de esperança que exige a sincronização de toda a sociedade.

E de sinais de esperança também têm necessidade aqueles que, em si mesmos, a representam: os jovens. Muitas vezes, infelizmente, veem desmoronar-se os seus sonhos. Não os podemos decepcionar: o futuro funda-se no seu entusiasmo.

Não poderão faltar sinais de esperança em relação aos migrantes, que deixam a sua terra à procura de uma vida melhor para si próprios e suas famílias. [...] Possa a comunidade cristã estar sempre pronta a defender os direitos dos mais débeis.

Sinais de esperança merecem-nos os idosos, que muitas vezes experimentam a solidão e o sentimento de abandono.

Invoco a esperança para os milhares de milhões de pobres, a quem muitas vezes falta o necessário para viver [...] Não esqueçamos que são quase sempre vítimas, não os culpados.

Fazendo ecoar a palavra antiga dos profetas, o Jubileu lembra que os bens da terra se destinam a todos, e não a poucos privilegiados. É preciso que seja generoso quem possui riquezas, reconhecendo o rosto dos irmãos em necessidade.

(*Spe non confundit*, SNC 7-16)

# E na política, de onde vem nossa esperança?

Francisco Borba  
Ribeiro Neto\*

Nós nos movemos em função de uma expectativa positiva em relação ao futuro. Livrementemente, ninguém começa uma ação se supõe que seus resultados serão maus. A esperança está inserida no coração humano. Somos seres esperançosos, apesar de nos frustrarmos tantas vezes! Na política, não somos diferentes, mesmo quando as decepções são até mais frequentes.

**A esperança que quase sempre decepciona.** Reconhecendo nosso pequeno poder pessoal, muitas vezes tendemos a esperar que um líder político, com o qual nos sentimos sintonizados, venha a realizar nossas expectativas. Mas esses líderes frequentemente nos decepcionam. Quando somos seus seguidores, tendemos a culpar a conjuntura e as forças adversárias pelas frustrações. Quando somos seus opositores, consideramos que as decepções vêm da sua incapacidade e/ou desonestidade.

Seja como for, vamos nos decepcionando cada vez mais com os políticos e com sua atuação. Essa frustração gera ressentimento e raiva, dificultando nossa capacidade de tomar decisões racionais. Não queremos reconhecer que nossas escolhas se mostraram equivocadas, que nossas expectativas se frustraram, e tendemos a negar a realidade, para nos protegermos da decepção, da tristeza, da impotência e da raiva.

Essas decepções não costumam nos tornar mais sábios, mais capazes de agir politicamente de forma construtiva, mas sim mais cétricos e amargos, cada vez menos comprometidos com a política e mais individualistas, ou mais raivosos e irracionais, seguindo de forma extremada a líderes populistas. De um modo ou outro, acabamos por fazer uma “política pior”, nos afastando de Deus, que é amor e deseja nosso compromisso com o bem comum.

**A esperança nos processos.** Há quem, já ciente dos limites das lideranças humanas, procure apostar nos processos políticos. A construção de um povo mais consciente e comprometido com o bem comum sempre levará a um futuro melhor, mesmo que a realização demore para acontecer. Além disso, ao nos comprometermos em um processo de mudança, encontramos outros como nós, experimentamos a alegria da solidariedade e do trabalho compartilhado – um ganho já no presente, independentemente do resultado imediato.

Contudo, mesmo a aposta nos processos pode frustrar. Por mais solidário e frutuoso que seja um processo de reconstrução depois de uma catástrofe, não poderá trazer à vida os mortos na tragédia, ou recuperar a integridade dos bens materiais e

*O povo brasileiro – e cada um de nós – vem se decepcionando continuamente com a política e com as suas lideranças, sejam políticos eleitos, magistrados, influenciadores... Se formos honestos com nós mesmos, veremos que as decepções vêm de todas as posições do espectro ideológico-partidário. Em todas as partes, encontramos exemplos de pessoas que não corresponderam às expectativas e até traíram as promessas que fizeram. Essas decepções geram ressentimento, raiva e polarização. Tendemos a ver todos os males naqueles com os quais não concordamos e esquecer ou relativizar as falhas daqueles com os quais simpatizamos. Mas, desse modo, nos fechamos ao diálogo e à solidariedade, tornamos ainda mais improvável a construção de um caminho compartilhado rumo ao bem comum.*

*De onde pode vir uma esperança que não seja ilusória? Onde cada um de nós deposita a própria esperança diante dos desafios cotidianos? Por mais diferentes que sejam as situações, para cada um de nós, “a esperança que não decepciona” tem a mesma origem, seja na vida pessoal, seja na política nacional. Traímos a nós mesmos, à urgência de nosso desejo de realização, quando nos esquecemos de que foi no encontro com Cristo que descobrimos essa esperança... Num encontro que não seria possível sem a comunidade que primeiro nos acolheu e sem toda a Igreja, geradora dessa comunidade.*



Evelyn de Morgan, "Esperança chega à prisão do desespero"

espirituais daqueles que perderam tudo. Por mais que um processo político seja justo, democrático e respeitoso com a memória dos que se foram, não trará os pais para os órfãos e nem os filhos desaparecidos para seus pais. Nenhuma reparação, dada às gerações atuais, poderá reparar os sofrimentos daqueles que morreram escravizados...

Numa sociedade plural, na qual diferentes propostas políticas disputam a hegemonia, a aposta nos processos pode levar, novamente, à frustração e à raiva contra aqueles que defendem posições diferentes. Eles nos parecem ser não só pessoas com ideias diferentes, mas ameaças à nossa expectativa de um futuro melhor.

Como perdoar quem, com suas vitórias, corrói nossa esperança?

**Confiar numa Presença.** A esperança cristã nasce do reconhecimento da ação de Deus em nossa vida. Nossa fé não é um fideísmo ilusório, na crença da força do “pensamento positivo” ou na expectativa por uma utopia futura que nunca se realiza. Temos esperança porque experimentamos o amor de Deus, muitas vezes surpreendente, em nossas vidas. Fatos reais, acontecidos a partir do nosso encontro com Cristo, nos mostram que podemos ter esperança no futuro. Isso não quer dizer que as coisas acontecerão segundo os nossos planos, mas sim que o amor de Deus se fará presente em

nossa vida, aconteça o que acontecer.

O amor conjugal não resolve os desafios no trabalho ou os problemas da sociedade. Mas, quando verdadeiro e maduro, ajuda os cônjuges a enfrentar todas as dificuldades. A resiliência dos pais diante das dificuldades se ancora muitas vezes na memória da existência dos filhos, pelos quais se esforçam. De modo ainda mais radical, o amor de Deus – que já experimentamos – dá sentido à vida, força nas lutas e consolo nos sofrimentos. Não gera uma esperança utópica, mas sim a certeza de que aquilo que Ele já iniciou dará frutos no futuro.

Na política, a esperança cristã não nos diz que Deus “milagrosamente” irá resolver os problemas – mas nos coloca numa posição humana mais adequada para resolver qualquer problema. Confiantes no amor que já se manifestou em nossas vidas, temos melhores condições para escolher políticos confiáveis e investir em processos de construção do bem comum. As derrotas e decepções não deixarão de vir, mas não darão a última palavra. Podemos recomeçar e rever nossas posições com mais liberdade, estamos mais livres para amar até os adversários e discernir o que constrói o bem comum.

O verdadeiro perigo é termos nosso discernimento desorientado por influenciadores e demagogos, fazendo com que deixemos de esperar em Cristo, para acreditarmos e seguirmos aos políticos e às ideologias. Ao fazermos isso, em vez de levarmos ao mundo uma esperança que não decepciona, levamos mais sectarismo e ressentimento.

**Da esperança cristã à esperança humana.** Nossas democracias são laicas. Não podemos, nem devemos, querer que todos professem a nossa mesma esperança. Contudo, onde estivermos, somos chamados a viver e testemunhar a experiência cristã – sem proselitismo ou arrogância, mas com verdadeiro espírito fraterno.

Qualquer pessoa se torna mais esperançosa quando interage com alguém que vive uma real esperança, alguém que não desanima, está aberto aos demais, se esforça sinceramente para construir um futuro melhor, superando preconceitos ideológicos e posições partidárias. O verdadeiro testemunho cristão, que não é a afirmação de uma posição política mais iluminada, mas sim um modo de ser e relacionar-se que nasce do saber-se amado por Deus, já é, por si só, razão de esperança e construção de uma “política melhor” para cristãos e não cristãos.

\* Sociólogo e biólogo, editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal “O SÃO PAULO”